



REDACÇÃO PRINCIPAL  
**ALEXANDRE VIEIRA**  
Propriedade da Confederação Geral do Trabalho  
EDITOR — **JOAQUIM CARDOSO**

Redacção, administração e tipografia, Calçada do Combro, 38-A, 2.º  
Lisboa — PORTUGAL  
Endereço telegraphico: Talha-Lisboa — Telefone 6330 O.  
Officinas de impressão — Rua da Atalaia, 114 e 116

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ — PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

PROPAGANDA ANTI-ALCOÓLICA

Um grupo de rapazes, animados de vulgar entusiasmo, como o comprova a extraordinária actividade da sua propaganda, fundou há pouco nesta cidade uma liga exclusivamente destinada a combater o uso e o abuso de bebidas alcoólicas. Se olharmos ao consumo do álcool nos outros países, teremos de concordar que Portugal um país relativamente sóbrio. O português bebe vinho, o que é natural, atenta a predominância da nossa produção vinícola. Mas também se pode dizer que é o vinho a nossa exclusiva bebida, não estando ainda, felizmente, generalizado entre nós o consumo de whiskeys, absintos, ginebras, cognacs e outros venenos de efeitos fulminantes. Não é o patriotismo mas a verdade que nos leva a classificar de bom o vinho que se bebe em Portugal, exceptuadas, é claro, as pisorgas vendidas nas grandes cidades, onde a falsificação se pratica honestamente e às claras. E será realmente aconselhável o uso do vinho? Sobre este ponto as opiniões divergem. Já aqui tivemos ocasião de aludir ao parecer duma sociedade científica de França que, tendo estudado o assunto, veio a pronunciar-se a favor do uso do vinho, atribuindo a esta bebida altas propriedades vigorizantes e alimentares. O dr. Euzébio Leão, num artigo escrito há anos, afirmava perentoriamente que a ingestão cotidiana dum bom litro de vinho não fazia mal a ninguém antes pelo contrário. Ao invés, o dr. Amílcar de Sousa, que se tem especializado nestes assuntos, condena formalmente não só o abuso mas também o uso, ainda que atenuadíssimo, de qualquer bebida fermentada ou destilada. Tivemos o autor destas linhas a necessária cultura científica para tornar autorizada a sua opinião, e não perderei esta oportunidade de dizer aqui que as suas observações o levaram a convencer-se de que a abolição absoluta do consumo do vinho, da aguardente, da cerveja, de todas as bebidas susceptíveis de produzir a embriaguez, representaria para a humanidade um grande benefício e um grande progresso. O uso de bebidas alcoólicas muitos sinceramente o defendem com argumentos dignos de atenção. Mas do uso ao abuso vai um passo curtíssimo, uma distância imperceptível, e quem começa por copos raros é que não venha a acabar por garrafas, quando não é por barris. Os chefes da revolução russa perceberam isto muito bem quando rigorosamente punzaram a cobro aquela orgia alcoólica que avassalava todo o antigo império dos tsars, tam profundo o mal, tam larga a sua influência que, segundo o desolado depoimento de Máximo Gorky, nem as próprias classes intelectuais, os literatos, os cientistas, conseguiam subtrair-se ao seu domínio. Bem haja, portanto, a iniciativa filantrópica dos nossos amigos da Liga Anti-Alcoólica, e oxalá os seus esforços logrem conseguir os benéficos resultados que se procura alcançar.

\*\*\*

Não é o alcoolismo o único vício da humanidade; mas é, por certo, o que mais deprime e abastarda o homem. O tabaco ataca o pauperiza o corpo. O álcool destrói e aniquila o cérebro. Mais do que isso: amarfalha o esfarrapa a alma. O tabaco vai queimando lentamente as vísceras; o álcool consome brevemente a inteligência. Os que se entregam aos desgostos vulgares da nossa época, às prodigalidades loucas em que as forças da mocidade instantaneamente se consumem, esses podem ficar avariados e o hospital o seu futuro; os que se juncam à torpe escravidão do álcool, esses vão dar em idiotas, e será o manicómio o seu túmulo. De duas maneiras o homem pode morrer. Há a morte que conduz ao comitório, e há a morte que leva à degradação. O segundo caso é o mais triste e o mais deplorável. O cadáver da vala ou do jazigo inspira respeito. Esses outros cadáveres, seres que o álcool empolga, roubando o que neles havia de nobre e dignificante, suscitam asco. Tombar é uma coisa. Cambalejar é outra...

...E o momento de avançar está chegado. Que frialdade não sentiriam as almas os andares, os decididos, se, dado o sinal de partida, percebessem que só podiam caminhar espolinhando uma montanha de rodilhas humanas, incapazes, ineptas, por estarem dispostas em álcool todas as suas energias combativas!

Perfeito de CARVALHO

PROMESSAS, PROMESSAS...  
UMA TENTATIVA QUE FALHA

Apareceram ontem alguns operários no convento das Bernardas para destelhar as casas e também apareceu a guarda republicana, mas não foi por diante a façanha...

Voltámos ontem ao Convento das Bernardas, não porque o espectáculo da miséria nos seduzia, mas porque estávamos interessados em saber quanto vale a palavra dum presidente de ministério.

Andámos novamente perdidos por aqueles corredores sem fim e tornámos a ver os rostos, já familiares, de algumas das inquilinas que anteciam andaram de Herodes para Pilatos, atrás do sr. Bernardino Machado.

Ontem em alguns recantos do Convento — o antigo Colégio de Nossa Senhora da Conceição — já se respirava um ar mais fresco, impregnado de cloro.

Havia em todas as faces a ansiedade estampada, e as vizinhas discutiam as probabilidades do presidente do ministério cumprir ou não o compromisso tomado na véspera.

O nosso primeiro cuidado foi também o de ver se realmente lá estaria a guarda-republicana. Ali nas imediações não observámos um sinal de farda. Conforam-se as horas se passavam, os inquilinos iam-se convencendo de que o senhorio desistira do ignóbil plano.

— O Bernardino lá agora dizer uma coisa e fazer outra! — exclamava uma mulher de cabelo desgrenhado.

— Eu sei lá! — contestavam os mais desconfiados.

E fomos andando pelos corredores. Parava-se na escadaria, conversava-se, falava-se novamente na população do Convento, que aumentava sempre.

— Você sabe lá quantas pessoas estão para nascer... —

E ali naquele resumido grupo algumas raparigas apareceram de ventre inchado, indicando fidelidade prestes a aumentar o número dos deserdados.

As horas passavam, e nem operários para destelhar o edifício, nem guarda republicana apareciam.

— Alguma vez os governantes haviam de proceder correctamente — diziam os nós.

E quando nos dispúnhamos, pelas 13 e meia horas, a marchar para o almoço, que já não era sem tempo, uma petiz chegou correndo, toda alvoroçada:

— Já lá está a guarda republicana, em baixo — disse ela ofegante.

Não quisemos acreditar; cousas de crianças. A guarda republicana, podia lá ser?

Passámos a outro corredor e debruçámo-nos duma janela que dá para um beco, espreitámos lá para baixo, para o pedaço da rua da Esperança, que dali se desdobrava. Nada. Havia de ser, com certeza, ilusão da pequena. Então, que vem a ser a palavra dum ministro?

— Diz que está lá em baixo a guarda! — gritou uma rapariga, que chegou afovejada.

— A guarda? A menina viu a guarda? — perguntámos.

— Não, não vi, mas dizem que chegou agora mesmo.

Vieram mais mulheres, umas lamentando-se, quasi chorando; outras, mais inermes, trocando, porque entre mortos e feridos alguém havia de escapar; e outras ainda, indignadas, barafustando. No entanto, ninguém tinha visto um soldado sequer.

Por fim um garoto aproximou-se iludido; virámos os soldados; eram uns poucos que estavam parados à porta do Convento.

Resolvemos descer e verificar com os nossos próprios olhos. Entretanto o boato corria já os quartos do casarão e aqui e acolá iam encontrando magotes dispendiosos.

— Deixa lá mulher, que eles não são há de matar.

— A gente não sai daqui nem a tirol — os operários que viessem cá deviam ser bem cuidadosos...

As frases cruzavam-se no ar, rápidas e impetuosas como tiros de pistola. No pátio, aglomerava-se a multidão. Descemos a escadaria que vai direito ao pátio. É de cima, do escuro, vimos então o fluxo e refluxo das blusas e saias de grande número de mulheres que se agitavam na escadaria exterior, batida pelo sol.

A festa de "A Batalha"  
está despertando grande interesse entre o operariado

Está despertando grande entusiasmo a festa de A Batalha, que se realiza no próximo dia 18 no teatro Gimásio, conforme temos noticiado.

Tem sido enorme a procura de bilhetes, podendo considerar-se a casa quase passada. Augura-nos um festival incomparável. Os camarotes, que se encontram pelas associações de classe e os restantes por camaradas e amigos nossos, que por amor a Batalha, caricharam em comprar de preferência os lugares mais caros, embora isso represente para eles um sacrifício. Estas forma de manifestar-nos a sua simpatia comove-nos e leva-nos a ter uma esperança inabalável no futuro de A Batalha.

Para que a festa revista o maior brilhantismo a comissão decidiu pedir aos Sindicatos a cedência das respectivas bandeiras a fim de ornamentar a casa de espectáculos. Essas bandeiras devem ser entregues à comissão até ao dia 17, na administração de A Batalha, das 21 às 23 horas, à comissão organizadora, que todas as noites reúne.

QUEM SEMEIA VENTOS...  
DATO ASSASSINADO

Três desconhecidos dispararam sobre o chefe do governo espanhol, ferindo-o mortalmente.

Os telegramas que a seguir publicamos dizem tudo quanto sabemos sobre a tragédia que antecedeu se desenrolou nas ruas de Madrid. Um facto rápido, instantâneo, que quasi passaria despercebido se não fosse a alta categoria da vítima. Trata-se do presidente do governo espanhol, D. Eduardo Dato. Alvejaram-no a tiro. As pontarias foram certas... O resto deduz-se. O que ainda há poucas horas era na Espanha a figura de maior destaque e de maior poder, abaixo do rei, claro está, é agora um corpo inanimado e frio.

Sempre a presença ou a figuração da morte compunge e entristece. Pobre Dato! Se, na hora suprema, lhe concedessem um segundo para que ele rememorasse o seu passado, todo de sangue e violências, ele, o pobre Dato, tam fraco que uma bala chegou para aniquilá-lo, arrepende-se hia e desejaria poder recomençar a sua vida, já então nortegada por outros princípios mais tolerantes e humanitários.

A permanência de Eduardo Dato no poder marcou um período de tirania e despotismo, feroz como não há memória na história de Espanha. O que se tem feito na Catalunha de há meses a esta parte! Não se passava um dia sem que o sangue de trabalhadores viesse dar ao solo o aspecto sinistro das grandes tragédias. Dato sabia bem! Matou-se, torturou-se, prendeu-se. Regressava-se aos tenebrosos tempos de Torquemada. E Dato sabia-o bem. Era ele que ordenava? Pelo menos consentia.

Há na Espanha muitas forças reactivas, capazes de agir. Essas forças puzeram-se em exercício. Ora, assim como a um argumento se responde com outro argumento, assim também a uma violência se responde com outra violência. Ultimamente, em Espanha, nos conflitos sociais, a ordem era matar. Não sabemos se foi Dato quem marcou este bárbaro processo de agir.

MADRID, 9. — O sr. Dato, quando regressava do Senado ao seu domicilio, foi assaltado por três indivíduos que iam num side-car, disparando contra ele vários tiros. O caso deu-se na Praça da Independência. O sr. Dato faleceu instantaneamente. O side-car desapareceu. — Rádio.

O natural espanto

MADRID, 9. — Da grande tragédia resultou enorme confusão política, havendo divergências entre Lema, Bugallá, Sanchez de Toca, Sanchez Guerra, Bergamín.

Provavelmente o sr. Maura assumirá o poder. Dalguns círculos políticos indicam um governo militar, porém esta solução não parece que tenha viabilidade. — Rádio.

A perturbação nos meios políticos é natural. — D. Eduardo Dato era um dos homens mais prestigiosos de toda a Espanha. Todos o amavam — excepto, é claro, as centenas de vítimas torturadas durante a sua tenebrosa jurisdição.

Ele sabia...

MADRID, 9. — O jornal El Imparcial diz que o assassinato foi planeado em Paris, e que o sr. Dato tinha recebido dias antes uma comunicação cifrada na qual o avisavam de que anarquistas espanhóis esperavam o momento favorável para executar o sensacional crime, como vigância pela forma como reprimiu o terrorismo em Barcelona. — Rádio.

Insuficiências policiais

MADRID, 9. — A propósito do trágico assassinato de Dato, a polícia espanhola queixa-se de não ter meios modernos suficientes para prevenir crimes feitos como o presente enquanto a motocicleta corria a toda a velocidade. Os dois policiais que estavam guardando o automóvel do primeiro ministro espanhol iam montados em bicicletas, que não podem deter um automóvel na sua corrida. — Rádio.

O deplorável acontecimento vem mostrar que deve sempre estar um polícia aviador no local dos atentados.

Honrarias póstumas

MADRID, 9. — O rei Afonso XIII visitou hoje de manhã a residência de Dato. Enorme massa de gente desfilava ante o cadáver. Milhares de telegramas recebidos exprimem a sua simpatia por Dato. O funeral realizar-se-á há quinta-feira para o panteão dos Homens Ilustres em Atocha onde repousam Canalejas, Prim e Canovas del Castillo. A família recebeu o título de Duque. — Rádio.

A magnânima concessão contribuirá enormemente para amenizar os efeitos da catástrofe.

A greve marítima do Porto

O chefe do departamento do Norte informou as autoridades de marinha de que a greve dos marítimos continua no mesmo estado, estando os marinheiros, soldados e fuzileiros que não aderiram à greve a fazer o serviço náutico, tornando-se por isso indispensável que continuem ali as canhoneiras Mandary e Iba, uma no Douro e outra em Leixões, por causa do pessoal de convés e de máquinas poder prestar serviço nos rebocadores e outros barcos, a fim de não paralisar o movimento do porto.

Sabemos que o serviço é deficitário, a despeito dos esforços empregados pelas autoridades no sentido de o normalizar.

A Federação Marítima, juntamente com delegados vindos do Porto, tem entrevistado o presidente do ministério, esperando que dentro em breve seja solucionado o conflito.

A fome em Cabo Verde

Pede-se seja sustada a cobrança da taxa militar

De Cabo Verde, pediram telegraficamente ao ministério das Colónias para ser sustada a cobrança da taxa militar em vista da grave crise que está atravessando a sua população.

C. G. T.  
Secção das Federações

Os delegados que constituem a Secção das Federações, reúnem hoje, às 21 horas precisas.

Partido Comunista

Reúnem hoje, pelas 21 horas, na sede da Associação dos Empregados de Escritório, rua da Madalena, n.º 225, 1.º, os membros da comissão fundadora, assim como todos os camaradas que foram nomeados na última assembleia para constituírem os corpos administrativos do partido, a fim de iniciarem os seus trabalhos.

Tribunal dos Arbitros Avindores

Uma comunicação da União dos Sindicatos Operários

Uma comissão delegada da União dos Sindicatos Operários avisou-se antecorrendo com o ministro do trabalho, instando com s. ex.ª para proceder com a urgência que o caso requer à nomeação do presidente e vice-presidente do Tribunal dos Arbitros Avindores, em virtude de comunicação feita pela Câmara Municipal a este organismo, de que tinha já sido enviada para o ministério, segundo a lei, a lista contendo os nomes dos indivíduos, entre os quais o ministro pode escolher. Por s. ex.ª foi notificado a comissão que já consultou três dos indicados, os quais se recusaram a aceitar tal nomeação. No entanto declarou que iria consultar os restantes indicados, esperando que aceitar, para o tribunal poder funcionar imediatamente.

As perseguições em Espanha

Uma sessão de protesto

Na sede da Associação dos Caixeiros de Lisboa realiza-se amanhã, pelas 21 horas, uma sessão de protesto, contra as violências praticadas pelo governo espanhol e que tem atingido a organização operária do mesmo país e seus militantes. A esta sessão, que se efectua por iniciativa da C. G. T. de acordo com a direcção da referida associação, devem assistir todos os assalariados do comércio, afirmando assim o seu protesto activo e consciente contra as violências praticadas.

Os operários de Lagos lavram o seu protesto

LAÇOS, 9. — T. — Os operários reunidos em assembleia protestam veementemente contra a atitude brutal assumida pelo governo espanhol ante os irmãos de trabalho do país vizinho.

Um apelo aos operários alfaiates

A Associação de Classe dos Operários Alfaiates recomenda aos camaradas de ambos os sexos que não aceitem contratos para ir trabalhar na ilha do Funchal, porquanto se encontram ali camaradas seus em greve por aumento de salário. Aceitar um contrato naquela cidade seria uma traição ignóbil.

RECLAMAÇÕES CORPORATIVAS

Manipuladores de Pão

Reñitiu a comissão de melhoramentos que apreciou trabalhos que dizem respeito à reclamação de aumento de salário. Resolveu officiar ao ministro da agricultura, indicando-lhe a melhor forma de erminar com o fúdirio ao público e chamando a sua atenção para a fome como esta classe está agitada por virtude da atitude do patronato e declarando-lhe que, não pretendendo neste momento que a ordem seja alterada, espera que ele chame a atenção dos industriais para a reclamação que lhes foi feita, a fim de, por meio de um acordo se evitar um possível movimento grevista.

Um esclarecimento

Firmando a primeira parte do artigo Uma análise, que antecorrendo publicamos na secção Debates de opiniões, aparece um nome que não corresponde ao do seu autor, Serafim Pinheiro, quando a assinatura é que a ontem saiu, isto é, a do nosso velho camarada Delim de Sousa Pinheiro.

A contra-revolução russa?

Travam-se combates perto de Moscovia

LONDRES, 9. — Dizem de Helsinfor que os revolucionários de Cronstadt bombardeiam Petrogrado, e que as baterias dos soviets em Syterfok, Revonnena e Jarbovka bombardeiam Cronstadt.

O general Koslowsky enviou em nome do governo revolucionário um ultimatum a Moscova, mas os enviados foram presos antes de chegar ao seu destino.

Segundo as últimas notícias, 3.700 marinheiros e soldados marcharam de Cronstadt sobre Petrogrado, estando a dar-se combates próximo da cidade.

Em vista da gravidade da situação o conselho dos comissários do povo nomeou Trotski ditador com poderes ilimitados. Este saiu de Moscovia dirigindo-se a Petrogrado.

O movimento revolucionário alastra em Odessa. — Rádio.

Política americana

LONDRES, 9. — Dizem de New York que o primeiro acto de Harding será enviar uma comissão a Londres para discutir com os aliados as condições em que os Estados Unidos se associarão com eles para tratar da Paz. — Rádio.

Os "gaioleiros,"

Na noite de antecorrendo para ontem desabou, na Avenida 5 de Outubro, C. N., a empresa de um prédio que se encontrava quasi concluído.

Por felicidade deu-se o desabamento durante a noite, porque de contrário era provável que tivéssemos de lamentar agora alguns desastres pessoais.

O prédio pertence aos empreiteiros Armando de Carvalho & Nunes, gaioleiros que, na ansia de panho, em vez de empregarem cal nas alvenarias usam terra. Estas mesmas deficiências de material se encontram noutras construções ali próximo, sendo provável que desastres de maior vulto se deem caso não se tomem as necessárias providências.

Pergunta-nos alguém o que fazem os fiscais da Câmara...

Mantendo a resistência

A greve dos trabalhadores dos jornais, a despeito dos esforços que continuam sendo empregados pelas empresas jornalísticas no intuito de dividir os grevistas, mantém-se com a mesma fé dos primeiros dias, compositores estreitamente ligados aos trabalhadores da imprensa, distribuidores de jornais, estereotipadores, etc.

Os poucos jornais que as empresas publicam, manufacturados por tipógrafos militares, a quem pagam — elas que dizem estar na ruína — salários de esc. 15000, tem continuado a sair ao fim da manhã. Pretendendo pôr os seus órgãos na rua à hora a que aparece o diário matutino dos grevistas, A Im-

Uma reclamação

Uma comissão delegada da U. S. O. avistou-se ontem com o comissário da aviação de serviço, a quem foi reclamar a liberdade dos operários presos na noite de segunda-feira à saída do edifício da C. G. T., prisiones efectuada injustamente, dada a forma como os agentes que as levaram a efeito, exorbitando das suas funções, como a autoridade foi notificado pela mesma comissão. Da exposição feita o sr. comissário tirou apontamento e prometeu averiguar da verdade dos factos para mandar libertar os mesmos operários.



